

**4CCSADEMT05**

## A TEORIA DA CONCORRÊNCIA EM MARX

Antonio Carneiro de Almeida Júnior <sup>(1)</sup>, Nelson Rosas Ribeiro <sup>(3)</sup>

Centro de Ciências Sociais Aplicadas/Departamento de Economia/MONITORIA

### I- Resumo:

O presente trabalho pretende estabelecer os fundamentos da teoria marxista da concorrência, além de desenvolver alguns aspectos da mesma. Ele foi elaborado a partir de leituras e discussão de uma bibliografia selecionada. A análise parte do estudo da concorrência, desde a sua gênese, ou seja, inserida em uma sociedade de mercado, e estende-se até a sociedade capitalista, explicitando todos os mecanismos das duas sociedades que estruturam a economia. A principal conclusão a que se chegou é que a tendência para a formação dos monopólios é uma lei do sistema capitalista.

**II- Palavras-chave:** concorrência, teoria, marxista.

### III- Introdução

Sendo a realidade dialética, consideramos necessário, para estudarmos a concorrência na sociedade atual, entendê-la, antes de tudo, na sua gênese. Para que a concorrência exista é mister que os produtores da sociedade relacionem-se entre si, não de forma casual, mas de forma regular. E esta relação entre eles só pode se dar no mercado através do intercâmbio de mercadorias. Isto é tão óbvio que as relações entre esses produtores chegam até a assumir a forma de relações entre as próprias mercadorias<sup>1</sup>. Portanto, partiremos da análise da mercadoria, inserida em uma sociedade de mercado bem desenvolvida, chegando até a sociedade capitalista.

### IV- Descrição<sup>2</sup>:

#### 1- A Sociedade de Produtores de Mercadorias

Para facilitar os nossos estudos, imporemos as seguintes hipóteses simplificadoras à sociedade de produtores de mercadorias:

**H.S.1-** Nesta sociedade existem apenas produtores de mercadorias;

**H.S.2-** As mercadorias serão sempre vendidas pelos seus valores, o que equivale a igualar oferta à procura;

**H.S.3-** Consideraremos apenas o trabalho simples, uma vez que o trabalho complexo vale apenas como trabalho simples potenciado, ou multiplicado.

#### 1.1- O Tempo de Trabalho Socialmente Necessário

<sup>1</sup> Ler O Capital, Livro I, Tomo I, Capítulo 1, Ponto 4;

<sup>2</sup> É de interesse do autor esclarecer que a maior parte do que foi desenvolvido neste artigo é resultado direto das interpretações do Professor Doutor Nelson Rosas Ribeiro, orientador do presente trabalho.

Sabemos que o valor individual de uma mercadoria equivale ao quantum de trabalho que o seu produtor cristalizou nela. Todavia, expondo as coisas desta forma, nos parece que quanto mais preguiçoso ou lento for um determinado trabalhador, mais valor ele criará. É por isso que não será o valor individual das mercadorias que será reconhecido socialmente, e sim o seu valor de mercado. Este, por sua vez, é determinado pelo tempo de trabalho socialmente necessário para a produção da mercadoria. A definição deste conceito nos é explicitada por Marx:

*"Tempo de trabalho socialmente necessário é aquele requerido para produzir um valor de uso qualquer, nas condições dadas de produção socialmente normais, e com um grau social médio de habilidade e de intensidade de trabalho."*<sup>3</sup>

Embora, a princípio, a única coisa que possamos deduzir desse conceito é a forma como se mede a grandeza de valor das mercadorias, observa-se que ele nos fornece algo mais. Através dele, percebemos que, quanto mais competente for o produtor, maior será a recompensa que o mesmo receberá do sistema, e quanto menos competente ele for, maior será a sua punição.

Ai está a forma como a concorrência atua em uma sociedade onde os indivíduos produzem para o mercado. Ela é a força que faz com que as condições nas quais estes produzem passem a exercer uma influência direta na quantidade de riqueza da qual os mesmos apropriar-se-ão com uma determinada quantidade de trabalho e com um determinado nível de eficiência produtiva.

Além disso, ela potencializa a necessidade social de desenvolvimento das forças produtivas. Isto porque a incerteza a respeito de quão desenvolvido está o processo produtivo dos seus concorrentes faz com que os indivíduos busquem reduzir a quantidade de tempo de trabalho necessário à produção de suas mercadorias.

## 1.2- A eliminação da segunda hipótese simplificadora

Mesmo que saibamos que a lei da oferta e da procura apenas causa desvios em torno do resultado da lei, façamos o exercício da eliminação da segunda hipótese simplificadora.

### 1.2.1- Quando a oferta encontra-se relativamente maior do que a procura

Sabemos que um aumento da oferta em relação à procura faz cair o preço de mercado. Assim sendo, este último passa a ser regulado pelos produtores mais competentes. Estes venderão suas mercadorias pelos seus valores individuais. Já os produtores médios e os menos competentes não terão seus valores individuais integralmente reconhecidos socialmente, e estarão em desvantagem em relação aos melhores.

---

<sup>3</sup> Marx, Karl, O Capital, Livro I, Tomo I, Volume I, pág. 48, editora Nova Cultural.

Se a situação, por sua vez, se mantiver constante por um período muito prolongado, ela fará com que os produtores menos competentes tendam a abandonar a atividade por estarem trabalhando demais por muito pouco. Desta forma, o valor de mercado cairá, pois agora o tempo de trabalho socialmente necessário terá por base os produtores que produzem em condições médias e os que produzem nas melhores condições.

#### 1.2.2- Quando a procura encontra-se relativamente maior do que a oferta

Neste caso, pelo que se entende da lei da oferta e procura, o aumento relativo da procura em relação à oferta fará com que o preço de mercado das mercadorias suba. Assim, ele passará a ser regulado pelos produtores incapazes de produzirem de acordo com a média social. Entretanto, os melhores produtores continuarão sendo beneficiados pelo sistema, recebendo em troca das suas mercadorias o equivalente a uma quantidade de trabalho bem superior da que empregou na produção destas.

Se as condições descritas acima se mantiverem, existe a possibilidade da entrada de produtores menos hábeis do que os piores produtores, o que fará com que o valor de mercado suba, pois os novos produtores influenciarão também na formação do tempo de trabalho socialmente necessário.

#### 1.3- A tendência da sociedade de produtores de mercadorias

Diante de tudo que já dissemos sobre como os produtores são remunerados nesta sociedade, já podemos perceber que se confirma a tese marxista de que existe uma tendência continua ao desenvolvimento das forças produtivas através da manutenção dos produtores mais hábeis no mercado e da eliminação dos menos hábeis.

### 2- O Modo de Produção Capitalista

Após a acumulação primitiva de capitais, a sociedade passa a ser dividida, via de regra, em duas grandes classes: uma que representa a minoria populacional e detém os meios de produção, e outra que é formada por uma grande massa populacional e, devido ao fato de não possuir meios para produzir sua existência, é obrigada a vender a única mercadoria que lhe resta: sua força de trabalho. E é precisamente da contradição entre o valor e o valor de uso da força de trabalho, dessa grande massa de homens livres, que surge o motor da produção de mercadorias no Modo de Produção Capitalista: a mais-valia, a qual é apropriada pela classe detentora dos meios de produção.

Já apresentamos, portanto, de forma bem básica, como passa a funcionar a sociedade sob o domínio do capital. Vamos agora, portanto, observar a ação da força concorrencial inserida na mesma.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Pressupomos, agora, que o leitor tem conhecimento das modificações sofridas pela teoria do valor na primeira seção do livro terceiro de O Capital;

## 2.1- A Concorrência no Modo de Produção Capitalista

Novamente para facilitar a análise, vamos supor válidas as seguintes hipóteses simplificadoras:

**H.S.1-** A sociedade está dividida apenas em duas classes: burgueses e proletários;

**H.S.2-** Consideraremos apenas o trabalho simples;

**H.S.3-** As mercadorias são vendidas pelos seus preços de produção de mercado, o que equivale a igualar oferta e procura;

**H.S.4-** Na sociedade existe somente capital industrial;

### 2.1.1 - O Papel da Concorrência na Transformação dos Valores em Preços de Produção:

Já, única e exclusivamente, no ato de detalhar o funcionamento da nova sociedade onde foi inserido o nosso objeto de estudo, observa-se a atuação deste último para o bom funcionamento do sistema.

É precisamente a concorrência entre os vários produtores capitalistas a única responsável pela formação da taxa de lucro médio desta nova sociedade, já que está é o resultado dos processos de imigração e emigração dos capitalistas no início deste modo de produção conforme subiam ou desciam as taxas de lucro das diferentes esferas de produção.

### 2.1.2- O Lucro Excedente

Sabemos que agora, nesta nova sociedade onde atua o nosso objeto de estudo, a média social que regula a remuneração dos produtores é o Preço de Produção de Mercado<sup>5</sup>.

Considerando um determinado ramo de produção qualquer, sabemos que os Preços de Produção Individuais giram em torno do Preço de Produção de Mercado. Dependendo da magnitude do seu Preço de Produção Individual, um capitalista qualquer poderá estar localizado em três grupos distintos: o dos produtores mais competentes, o dos produtores médios e o dos produtores que produzem nas piores condições de produção. Visto na esfera das aparências, o PPI pode ser dividido da seguinte forma:

$$\text{PPI} = \text{custo de produção} + \text{lucro} \quad (\text{lucro médio que cabe à empresa})$$

Ora, uma vez que o objetivo do capitalista, com a redução do seu PPI, é a obtenção de um lucro cada vez maior, o único valor que poderá variar negativamente nesta equação é o custo de produção. Para a redução deste último, é necessário o alcance de avançadas técnicas de produção para que, com uma determinada quantidade de capital, o capitalista possa produzir uma quantidade de mercadorias consideravelmente maior. Reduzido o PPI, sabemos que o que irá ser pago pela mercadoria produzida será o Preço de Produção de Mercado, o qual será maior do que o primeiro. Desta forma, o capitalista terá condições de apropriar-se do que chamamos de Lucro Excedente, o qual é uma forma transmutada de manifestação da Mais-Valia Extraordinária.

<sup>5</sup> Este estabelece com os Preços de Produção Individuais a mesma relação que o Valor de Mercado estabelecia com os Valores Individuais;

Parece-nos, a princípio, que a forma de remuneração gerada pela concorrência entre os produtores é idêntica a anterior, com exceção dos nomes dados aos “bois”. Entretanto, há uma diferença extremamente importante entre elas. Na Sociedade Capitalista, um avanço tecnológico pode levar uma empresa a um aumento de produtividade inimaginável em uma sociedade como a analisada anteriormente. Portanto, a força concorrencial que empurra os capitalistas para a busca do desenvolvimento tecnológico é qualitativamente maior do que a anteriormente analisada. Isto porque, chegada à hora de o capitalista levar ao mercado suas mercadorias, se o nível de produtividade do seu processo produtivo for muito baixo, a quantidade de riqueza paga por elas pode não ser suficiente nem para repor as condições de produção anteriores! Isto passa a ser uma questão de sobrevivência de classe! Se o capitalista não for capaz de ser tão eficiente quanto os seus concorrentes, ele simplesmente irá a falência ou será engolido por estes. Diante disto e da incerteza sobre como anda o processo produtivo dos seus concorrentes, esta busca pelo desenvolvimento das técnicas de produção passa a ser incessante!

#### 2.1.3 - A eliminação da H.S.3:

Após toda a exposição feita até então e eliminando a terceira hipótese simplificadora, podemos observar que a economia capitalista funciona da seguinte forma:

Por trás de todas as categorias aparentes está o Valor de Mercado da mercadoria. É ele a principal influência do preço da mesma. Entretanto, devido à formação da Taxa Geral de Lucro, ou Taxa de Lucro Médio, os capitalistas passam a receber uma remuneração de acordo com a quantidade de capital que investem e, portanto, não vendem as mercadorias pelos seus valores de mercado, e sim pelos seus Preços de Produção de Mercado.

Os Preços de Mercado, entretanto, só são iguais aos Preços de Produção de Mercado se, e somente se, as forças de oferta e procura se anulam. Assim sendo, eles oscilam em torno dos Preços de Produção de Mercado conforme as oscilações da oferta em relação à procura.

Quando a oferta se encontra relativamente maior do que a procura, o preço de mercado das mercadorias irá cair, ou seja, ele passará a ser regulado pelos melhores produtores.

A situação financeira das empresas dos melhores produtores não terá grandes prejuízos com isso, pois eles passarão a vender as mercadorias por um preço bem próximo ao seu preço de produção individual, obtendo ainda o lucro médio ao qual tem direito. Já os produtores médios talvez sejam capazes somente de apropriar-se de parte do lucro médio ao qual têm direito, enquanto que os menos competentes podem até não conseguir nem o valor monetário suficiente para recriar suas condições de produção. Se a situação persiste, alguns produtores são engolidos pelos seus concorrentes ou simplesmente desaparecem do mercado devido à falência das empresas. Assim sendo, o preço de produção de mercado destas

mercadorias cairá. Se a intensidade desse desequilíbrio for realmente alta, poderemos presenciar falências tanto entre os produtores médios como entre os menos competentes.

Já quando se observa uma diminuição relativa da oferta em relação à procura, sabe-se que o preço de mercado das mercadorias sobe. Desta forma, todos os produtores serão beneficiados com ela. Entretanto, sabemos que quanto mais competente for o produtor, maior será a remuneração adicional que ele receberá. Se a situação persistir, ela abrirá espaço para entrada de novos produtores que produzem em más condições de produção. Isto fará com que o preço de produção de mercado das mercadorias suba no longo prazo.

#### 2.1.4- As Estratégias dos Produtores Mais Competentes

Sabe-se que, nem sempre os melhores produtores optam por aceitar passivamente o preço vigente no mercado. Eles podem também optar por provocarem desequilíbrio tal entre oferta e procura que faça com que este preço caia.

Quando o capitalista vende a mercadoria pelo preço de produção de mercado, durante todo o tempo no qual os produtores mais competentes estão de posse de uma tecnologia mais avançada, eles receberão uma remuneração maior do que a recebida por estes últimos.

Sua empresa, portanto, terá mais recursos para manter-se como líder do seu ramo de produção. Isto porque a parte do lucro que será reinvestida na empresa alcançará sua maturação mais rapidamente do que nas outras empresas em virtude da apropriação de uma parcela maior de riqueza pelo capitalista. Além disso, esta receita adicional também servirá para que a empresa tenha melhores condições de sobreviver às crises setoriais ou as Crises Cíclicas de Superprodução<sup>6</sup>.

Já a opção por ocasionar um desequilíbrio entre oferta e procura é uma estratégia que pode ser utilizada para eliminação de concorrência. O que ocorre é que, uma vez que o avanço tecnológico propicia um aumento formidável na produtividade das empresas, o capitalista, através de uma produção excessiva de mercadorias, pode ocupar uma maior fração do mercado fazendo com que o preço vigente no mesmo caia.

Com a acumulação de prejuízos para os demais, inicia-se a eliminação dos seus concorrentes devido à falta de condições de recriar o processo produtivo. Assim sendo, a cada dia, o capitalista responsável pela adoção dessa estratégia coloca sua empresa mais próxima de uma condição de monopólio, de uma posição privilegiada no mercado.

---

<sup>6</sup> Trabalhamos aqui com o pressuposto de que as Crises Cíclicas de Superprodução são uma lei do sistema capitalista. Para mais informações consultar Ribeiro, Nelson Rosas, Crise: uma visão marxista;

### 2.1.5- A Introdução do Capital Comercial e do Capital Produtor de Juros (a eliminação da H.S.4<sup>7</sup>)

Estamos cada vez mais próximos da realidade da sociedade capitalista atual. A eliminação desta hipótese faz com que, agora, as coisas funcionem da seguinte forma:

No caso da introdução do capital comercial não se processam grandes mudanças. Isso porque a introdução deste setor na economia apenas faz se processar uma libertação de capital nas indústrias. Isto, por sua vez, acontece ao nível de toda a sociedade, e não apenas para alguns grupos capitalistas. Já no caso da introdução do Capital Produtor de Juros, as coisas se apresentam de forma diferente.

Vemos que, se o capitalista que produz nas melhores condições de produção opta por vender sua mercadoria pelo Preço de Produção de Mercado, o lucro deste que será reinvestido alcança a maturação mais rapidamente que o dos demais capitalistas. O aparecimento do capital bancário, por sua vez, potencializa esse processo de maturação, pois permite que o capitalista mantenha em movimento este capital destinado ao investimento, de forma que ele possa aumentar de tamanho cada vez mais.

Além disso, o aparecimento do capital bancário diminui ainda mais este tempo de maturação tendo em vista que o capitalista tem a opção de levar a cabo o investimento na sua empresa por intermédio de um empréstimo conseguido junto a este setor. Isto, entretanto, não coloca os outros produtores em pé de igualdade com os mais eficientes, pois, sempre antes de conceder um empréstimo, o setor bancário procura avaliar as condições que o mutuário terá para pagar o mesmo.

### 2.2.6- O impacto da concentração e centralização do setor industrial

O que nos falta acrescentar sobre o capital industrial é que, em virtude da alta concentração de capital, os melhores produtores não só eliminam seus concorrentes, como também impõem barreiras à entrada de novos concorrentes. Isto porque estes produtores conseguem um aumento de produtividade tal que, somente um investimento gigantesco seria capaz de fazer frente a sua capacidade de concorrência.

### 2.1.7- O impacto da concentração e centralização do setor comercial

Pressupondo válida a teoria marxista sobre o capital comercial, concluímos que, uma vez autonomizado o processo de circulação, não há como retroceder. Diante disto, tanto as grandes indústrias, como as pequenas, são obrigadas a fazer negócio com o setor comercial.

Quando se trata do confronto de uma grande indústria com o pequeno comerciante ou de uma grande cadeia comercial com a pequena indústria, as coisas se

<sup>7</sup> Não faremos menção ao capital agrário após a eliminação desta hipótese simplificadora, pois a aparição do mesmo não traz nenhuma modificação ao nosso estudo. Isto porque sabemos que o mesmo constitui um monopólio natural e, portanto, não participa da formação da taxa de lucro médio;

processam da seguinte forma. No primeiro caso, a indústria pressionará ao máximo o preço para cima, pois ela e o pequeno comerciante sabem a força concorrencial que cada um possui. Já no segundo caso, a grande cadeia comercial pressionará cada vez mais o preço da transação para baixo, expropriando assim uma grande quantidade da mais-valia da pequena indústria pela mesma razão do caso anterior. Observa-se, portanto, um aumento da tendência à eliminação dos que produzem nas piores condições de produção.

Quando ocorre, por sua vez, o confronto entre uma grande indústria e uma grande cadeia comercial na venda de mercadorias, as forças estão em uma situação mais próxima do equilíbrio. Entretanto, devido ao nível de concentração e centralização do setor comercial, temos que existe uma certa subordinação do capital industrial a ele, pois fica nas mãos dos grandes grupos comerciais a decisão de qual dos concorrentes situados no outro setor serão mais beneficiados nas transações.

#### 2.1.8- O impacto da concentração e centralização do setor financeiro

No que concerne ao setor financeiro, temos que a mobilidade e a liquidez que possui este tipo de capital é incomparavelmente maior do que a dos dois outros setores abordados. Este setor trabalha apenas com uma forma de manifestação do conteúdo capital: a forma dinheiro, ativo que apresenta a maior liquidez dentre todos os ativos. Assim sendo, diante da facilidade de transposição das fronteiras nacionais, temos grandes grupos financeiros estabelecidos no mundo. Este setor, portanto, possui o maior nível de concentração e centralização já alcançado.

Ora, uma vez que tanto o setor comercial quanto o setor industrial estão sempre em busca de um aumento de produtividade que os faça auferir um lucro excedente, e que o setor financeiro é o único que pode acabar com a espera pela maturação do lucro a ser reinvestido, o destino dos dois setores está nas mãos deste último. Ele pode, ou subordinar os demais a si, ou fundir-se a eles. É, entretanto, difícil dizer, até agora, qual das duas tendências prevalecerá.

### **IV- Metodologia:**

Inicialmente foi feita uma leitura minuciosa de partes da obra prima de Marx, *O Capital*. Com base na mesma, e tendo por base também muitos outros aspectos da teoria marxista, iniciaram-se as discussões entre orientador e orientando.

Como fruto de toda a leitura e discussão, surgiu o que chamamos de teoria marxista da concorrência.

### **V- Resultados e Conclusões**

Vemos, pois, que o Modo de Produção Capitalista, na atualidade, apresenta tendência: para o constante desenvolvimento das forças produtivas; para a concentração e a centralização nos setores industrial, comercial e financeiro; para a manutenção deste

monopólio devido às pressões intersetores e intra-setores; e para predominância e dominação do capital financeiro em relação às outras formas de capital ou fusão dele com as demais.

**VI- Referências:**

**Marx, Karl, O Capital**, 2<sup>a</sup> edição, Editora Nova Cultural, São Paulo, 1986;

**Ribeiro, Nelson Rosas, Dinheiro, Mais-Valia e Acumulação Capitalista**, 4<sup>a</sup> Edição Experimental; João Pessoa, 2006, Ed. CME

**Ribeiro, Nelson Rosas, O ciclo econômico: uma visão marxista**. João Pessoa, 2005, Ed. CME.

**Ribeiro, Nelson Rosas, O Capital em Movimento: Ciclos, Rotação e Reprodução**, 4<sup>a</sup> Edição Experimental, João Pessoa, 2